

---

## ANTÔNIO CONSELHEIRO REABILITADO ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO

Zélia Roelofse-Campbell\*

Na sua Viagem definitiva a Canudos o escritor nordestino Paulo Dantas (1987:177 [Apêndice]) declarou:

*Em sentido figurado, os escombros de Canudos possuem para mim aquele significado das palavras do grande trágico norte-americano Nathaniel Hawthorne: "romance e poesia, musgo e parasitas, necessitam de ruínas que os façam crescer."*

Essas palavras refletem o fato que, quando nada resta de um local ou de uma pessoa, ou quando detalhes sobre os mesmos encontram-se ofuscados ou mesmo deturpados, então se torna possível para a imaginação recriar o universo perdido e dar-lhe uma nova dimensão real e humana. A imaginação permeia a história produzindo uma versão dos fatos que, se não de todo exata, não deixa de ser verossímil. Esse processo é ainda mais perceptível na novela histórica hispano-americana, que tem suas raízes numa forte tradição em que elementos históricos e fictivos se mesclam, desde que o romance fora proibido pela Inquisição na América Espanhola, por colocar em perigo a saúde espiritual dos índios (Vargas Llosa 1987:110).

Quando o escritor peruano Mario Vargas Llosa começou a estudar a Guerra de Canudos a princípios da década de 70 (ele iria ser co-autor de um roteiro cinematográfico para um filme sobre Canudos que nunca se materializou), ele tencionava recriar o episódio a partir d'Os Sertões; além disso, limitar-se-ia aos eventos da Terceira Expedição e ao Coronel Moreira César. Depois ele decidiu incluir os acontecimentos da Quarta Expedição e, tendo lido quase todo o

\*A autora é diretora do Centro de Estudos Latino-americanos da Unisa - University of South Africa (Universidade da África do Sul), PO Box 392, Unisa 0003.



material disponível sobre Canudos, estava tão interessado que resolveu escrever um novo romance "porque na história da Guerra de Canudos espelha-se algo que tem se repetido na História da América Latina dos séculos XVIII e XIX ) uma total falta de comunicação entre dois setores da sociedade que matam um ao outro lutando contra fantasmas, não? Lutando contra inimigos imaginários que foram inventados a partir do fanatismo, a partir da cegueira política e econômica!" (Williams 1986:122.) O resultado foi *A Guerra do Fim do Mundo*

Escrever sobre um episódio histórico que aconteceu numa área remota do Nordeste brasileiro no fim do século passado era um desafio para Mario Vargas Llosa que, como escritor, até então limitara-se a escrever dentro do contexto contemporâneo da sua terra natal ) o Peru. Entretanto, ele estava sensibilizado sobre o fato que todos os países latino-americanos compartilham não só uma história, como também problemas e que o Brasil fazia (e faz) parte de uma herança ibero-americana como todas as outras nações do continente (Vargas Llosa / ICA 1984). Ao iniciar os seus estudos sobre o Brasil, Vargas Llosa fez questão de aludir às palavras de Octavio Paz: ) "Sem o Brasil nós latino-americanos somos a metade do corpo e a metade do espírito" (Gautier 1989:326). Na época em que começou a escrever sobre Canudos, Vargas Llosa estava preocupado com os regimes repressivos que dominavam o continente latino-americano. Esse tema, embora vestido com roupa republicana, é mais um aspecto d'*A Guerra do Fim do Mundo* (Pinto 1986:160-161).

Mario Vargas Llosa declarou que o primeiro livro que leu sobre Canudos foi *Os Sertões* de Euclides da Cunha, um livro que ele classificou como "uma maravilha" de construção épica na literatura. Ele ficou deslumbrado pelo universo de Canudos, pelo Conselheiro e pela confluência de tantas forças divergentes que atuaram nesse acontecimento histórico (Oviedo / Vargas Llosa 1980).

Na entrevista acima mencionada, Vargas Llosa indicou que *A Guerra do Fim*



*do Mundo* é "uma história sobre uma história" (Oviedo / Vargas Llosa 1989). Essa afirmação é muito importante. Em castelhano usa-se a mesma palavra ) história ) para denotar "história" e "estória" (ficção narrativa). Portanto, a locução "uma história sobre uma história" poderia significar "uma estória sobre uma estória" ou "uma estória sobre uma história" ou "uma história sobre uma história", ou ainda "uma história sobre uma estória". Visto que a "estória" contida no romance reconstitui um episódio histórico, transpondo-o ao mesmo tempo ao domínio da imaginação, ou ficção, temos que reconhecer a ambigüidade da declaração de Mario Vargas Llosa.

Nesse sentido, *Os Sertões* de Euclides da Cunha poderia ser classificado como uma obra histórica, enquanto que *A Guerra do Fim do Mundo* seria um trabalho de ficção, embora ambos tratem do mesmo assunto. Portanto, poderíamos dizer que o último é um texto de meta e o primeiro um texto de fonte ou hipotexto (vide Genette 1982: 447). Entretanto, isso seria uma excessiva simplificação, visto que ambas as obras contêm elementos de história e de ficção. Já foi mencionado que o livro de Euclides da Cunha representa o "momento histórico" enquanto que o romance de Vargas Llosa seria a "perspectiva histórica" (Gicovate 1982). O fato é que *A Guerra do Fim do Mundo* é uma consequência direta d'*Os Sertões* e não poderia existir sem a obra do escritor brasileiro, mesmo levando-se em consideração que Vargas Llosa havia se familiarizado com muitos outros trabalhos sobre o assunto, inclusive reportagens de jornais contemporâneos. Não há dúvida que *Os Sertões* constitui a fonte fundamental de documentação sobre Canudos, não obstante a grande quantidade de pesquisas tanto sobre a Guerra de Canudos quanto sobre *Os Sertões* desde a sua publicação em 1902.

Durante as pesquisas para o seu romance, Vargas Llosa ficou interessado principalmente pelas deturpações ao redor do fenômeno de Canudos. Não somente a rebelião havia adquirido uma dimensão política, como também o seu



líder havia sido classificado de monarquista. Como sabemos, essa percepção levou a recém instalada República (fortemente apoiada pelas forças armadas) a encarar o Conselheiro como uma ameaça à nação. Como resultado, as autoridades e a imprensa exageraram esse episódio relativamente localizado fora de qualquer proporção (Gerdes 1985:169).

Não obstante a grande quantidade de publicações sobre a história de Canudos, ainda existe uma certa ambigüidade à volta do assunto. Isso porque, como o próprio Vargas Llosa comentou, a história "oficial" da rebelião está baseada na versão dada pelas forças do governo, as mesmas forças que suprimiram a revolta. Para Mario Vargas Llosa, tornou-se importante contar a história partindo da perspectiva dos vencidos, isto é, da perspectiva dos jagunços (Oviedo / Vargas Llosa 1980).

Em relatos históricos, alguns dos jagunços estão documentados, embora insuficientemente; outros só são mencionados pelo nome e nada mais. Ao escrever *A Guerra do Fim do Mundo*, Mario Vargas Llosa não tinha a menor preocupação sobre a exatidão histórica do acontecimento, mas sim em fornecer um retrato exato sobre a "realidade" da época. Foi por essa razão que ele viajou ao Nordeste do Brasil, uma região totalmente desconhecida para ele, lá ficando durante alguns meses. Assim, ele teve a oportunidade de observar não só o terreno, como também as características psicológicas da gente da região (Oviedo / Vargas Llosa 1980). Isso possibilitou o autor a criar "biografias" para os jagunços que atuam como personagens no seu romance. Nessas "biografias" são contadas de forma emocionante as conversões dramáticas dos jagunços para o tipo de vida apregoado pelo Conselheiro.

Desde que Ataliba Nogueira publicou os sermões de Antônio Conselheiro em 1974, sabemos que a realidade de Canudos era bem diferente daquilo que se estava acostumado a ouvir. De todos os rincões do sertão chegavam os sem-terra



para instalar-se ao pé de Antônio Conselheiro, em Belo Monte. Formaram aí uma comunidade completamente viável, de gente trabalhadora e honesta. Nas palavras de Ataliba Nogueira:

*O monte em que demorava a cidade por ele erguida era encantador em seu tempo, não pela obra da natureza, mas porque pulsavam ali corações de bem mais de vinte mil pessoas, fruindo as delícias de vida honesta, pacata e operosa. Sobretudo podiam rezar diariamente e diariamente trabalhar (Nogueira 1978:41).*

A vida dos canudenses era regulada pelo ritmo das rezas e das prédicas diárias. Euclides da Cunha, sem haver ouvido ou lido nenhuma dessas prédicas, chamava o orador de "assombroso" e as prédicas

*Uma oratória bárbara, e arrepiadora, feita de excertos truncados das Horas Marianas, desconexa, abstrusa, agravada, às vêzes, pela ousadia extrema das citações latinas, transcorrendo em frases sacudidas; misto inestrucível e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas...*

*Era truanesco e era pavoroso.*

*Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse...*

*(Cunha 1966:206).*

Ora, sabemos que desde a publicação dos sermões de Antônio Conselheiro por Ataliba Nogueira, a opinião acima não tem fundamento histórico. O homem que havia sido marcado pelo uso de vocábulos como "atavismo", "bronco", "monarquista", "fanático", etc. (Nogueira 1978:211) foi reivindicado como "grande homem, grande chefe, grande benfeitor" (Nogueira 1978:210).

Havia, é fato, um aspecto messiânico e milenarista no movimento que cresceu à volta de Antônio Conselheiro. O sentido apocalíptico, precisamente, é o que dava mais esperança àqueles miseráveis, sem-terra e sem futuro. Com as



suas prédicas, o Conselheiro lhes assegurava uma vida melhor e cheia de felicidade, não só no outro mundo, como neste. A proclamação da República foi, para o Conselheiro, como "o prenúncio do fim do mundo". Abandonou a Vila de Bom Jesus, "enveredando um dia sertão afora seguido dos fiéis, procurando no deserto dos chapadões desolados pela sêca um local propício para instalar a Nova Jerusalém, onde os privilegiados pudessem esperar tranquilos o anunciado Juízo Final, furtando-se ao republicano governo do Anticristo" (Queiroz 1977:226).

Sobre as profecias de Antônio Conselheiro, assim escreve Maria Isaura Pereira de Queiroz:

*[Seus sermões] giravam sempre em torno de determinados temas, ressaltando as profecias relacionadas com esperanças milenaristas em torno do iminente regresso de D. Sebastião. A república, reinado do Anticristo, era indício seguro de que o fim do mundo não tardava e contaminara já a própria Igreja Romana, que não escapava também de suas objurgatórias. Mas em seguida D. Sebastião introduziria no mundo o paraíso terrestre, adquirindo Canudos foros de antecâmara do Éden, nova terra de Canaã (Queiroz 1977:226-227).*

Dois anos após a sua fundação, em 1885, o arraial de Canudos havia crescido desproporcionalmente, não só devido à chegada de peregrinos, como também devido a "aliciadores da seita", nas palavras do Frei João Evangelista de Monte Marciano. Segundo este religioso, os "aliciadores" apresentavam o novo povoado como a Terra da Promissão, onde corria "um rio de leite" e os barrancos eram feitos de "cuscus de milho". Concordamos com Moniz que "estas palavras irônicas não tinham outro sentido senão o de deturpar a obra de Antônio Conselheiro" (Moniz 1984:54).



### Antônio Conselheiro n' *A Guerra do Fim do Mundo*

Inevitavelmente, no romance, a história e a ficção confundem-se propositalmente, num esforço de recriação do universo destruído. Para atingir tal efeito n' *A Guerra do Fim do Mundo* Mario Vargas Llosa aplica o mito do apocalipse, que se baseia no vínculo inevitável entre o destino individual e o coletivo. O romance apresenta uma extensa consideração sobre zonas não demarcadas do mito, da história e da ficção, que se juxtapõem a fim de representar o arquétipo do apocalipse sobre o fundo histórico de Canudos. A interpretação mitológica da história pelos seguidores de um chefe messiânico em Canudos é narrada paralelamente com o acontecimento apocalíptico pelo autor d' *A Guerra do Fim do Mundo* (Zamora 1989:190). Assim, o título do romance tem mais de um significado. O "fim do mundo" refere-se ao lugarejo remoto de Canudos que, por estar situado tão longe da civilização, pode ser percebido como um "fim do mundo". No entanto, a conotação mais importante do título é o conceito milenarista ) o advento do fim do mundo, do Juízo Final.

É nesse universo recriado que atua a personagem do Conselheiro (que assim é sempre chamado) no romance *A Guerra do Fim do Mundo* de Mario Vargas Llosa.

O narrador apresenta a personagem do Conselheiro diretamente, relatando as suas características e ações, mas tudo de um modo vago, o que contribui para a criação de uma certa aura de mistério em redor do homem e sua influência direta sobre a gente das áreas mais remotas do sertão:

*O homem era alto e tão magro que parecia estar sempre de perfil. A sua pele era escura, os seus ossos salientes e os seus olhos ardiavam com fogo perpétuo. Calçava sandálias de pastor e a túnica arroxeadada que lhe caía sobre o corpo recordava o hábito dos missionários que, de quando em quando, visitavam os povoados do sertão batizando multidões de crianças e casando os casais amancebados (Vargas Llosa 1981:15).*



O trecho acima deixa claro que, ao contrário de Euclides da Cunha, o narrador d'A Guerra do Fim do Mundo não se empenha para fornecer ao leitor nenhum detalhe relacionado com a vida passada do Conselheiro. A narrativa começa in medias res, e apresenta o Conselheiro ao princípio da sua peregrinação como o beato, o homem de Deus, quando os primeiros fiéis começam a agrupar-se ao seu redor. Torna-se também evidente que o autor implícito deseja se distanciar do positivismo e determinismo que permeavam os escritos de Euclides da Cunha. Essas idéias não seriam aceitáveis nos últimos anos do século XX. O "tempo" da escrita d'A Guerra do Fim do Mundo relaciona-se com a apresentação da personagem principal: ao Conselheiro é dado o dom de "existir" a seu próprio critério; tanto o seu milieuo como a sua história pessoal são considerados de pequena importância. Ao leitor é apresentado um homem santo que parece viver num outro plano existencial.

O narrador usa a técnica do discurso indireto livre (vide Rimmon-Kenan 1983:109-110) ao aludir aos sermões do Conselheiro. Para o leitor isso significa que o narrador aceita as idéias contidas nos sermões. Numa mescla de vozes o narrador, assim como o Conselheiro, condenam a Igreja por ter falhado no seu ministério para os pobres, por ter tolerado que seus sacerdotes se tornassem depravados e mercenários:

*Se podiam vender as palavras de Deus, não deviam ser dadas de graça? Que desculpa dariam ao Pai aqueles padres que, apesar do voto de castidade, fornicavam?*  
(Vargas Llosa 1981:16.)

Além disso, o narrador aparenta endossar a importância e o conteúdo das prédicas do Conselheiro para os pobres e indigentes do sertão, como se pode ler no seguinte excerto:

*Coisas práticas, cotidianas, familiares, como a morte, que conduz à felicidade se se entra nela com a alma limpa, como para uma festa. Lhes falava do céu e também do inferno, a morada do Cão, empedrada de brasas e crótalos, e de como o Demônio podia manifestar-se em inovações com semblante inofensivo (Vargas Llosa 1981:16-7).*

A linguagem do Conselheiro, como podemos verificar no trecho acima, é a linguagem da imaginação poética. Mas é também o tipo de linguagem que empolga a gente simples do sertão, alimentando as suas almas e dando-lhes esperança em meio da sua luta pela existência. Ao dar os seus conselhos, o Conselheiro fala de coisas simples e corriqueiras que têm uma relação direta com os que o ouvem, mas também fala de questões elevadas: o céu, o inferno, o dia do Juízo Final, um dia que logo ocorrerá para a humanidade, sem advertência:

*[Falava de] coisas atuais, tangíveis, cotidianas, inevitáveis, como o fim do mundo e o Juízo Final, que poderiam ocorrer talvez antes do que levava o povoado a endireitar a capela abatida (Vargas Llosa 1981:16).*

As profecias de Antônio Conselheiro mereceram de Euclides da Cunha, que via nelas uma manifestação de primitivismo, as qualificações de "concepções absurdas" e "milenarismo extravagante" (Cunha 1966:207). Essa opinião não é compartilhada pelo narrador d'*A Guerra do Fim do Mundo*. No romance, as profecias são relatadas em discurso indireto livre, por onde o leitor pode denotar uma identificação de empatia entre personagem (Conselheiro) e narrador:

*Terminaria o século? Chegaria o mundo a 1900? (...) Em 1900 se apagariam as luzes e choveriam estrelas. (...) Em 1896 um milhar de rebanhos correriam da praia para o sertão e o mar se tornaria sertão e o sertão mar. Em 1897 o deserto se cobriria de pasto (...). Em 1898 aumentariam os chapéus e diminuiriam as cabeças e em 1899 os rios ficariam vermelhos e um planeta novo cruzaria o espaço (Vargas Llosa 1981:17; cf Cunha 1966:208).*



O trecho acima também equipa o leitor com um marco temporal (demonstrando que a história começara antes de 1896), ao mesmo tempo que imita diretamente as profecias relatadas em *Os Sertões* (Cunha 1966:208).

O conteúdo apocalíptico dos sermões é central no romance; de fato, é impossível compreender *A Guerra do Fim do Mundo* sem primeiro dar-se conta de que o Conselheiro era antes de tudo um mensageiro do apocalipse. No romance as referências ao Cão como manifestações da Besta são abundantes. Essa intensa imagem do diabo carrega em si fortes conotações bíblicas. Na Bíblia cristã o cão nunca é representado como um animal admirável (Miller 1965:139). Pelo contrário, a imagem do cão é usada na Bíblia para representar: o Diabo (Psalm 22 v. 20), os perseguidores (Psalm 22 v. 16), falsas doutrinas (Isaias 56), e o homem ímpio (Mateu 15 v. 27 [Clarke 1973:76]).

Por outro lado, a nova ordem política, a República, é equiparada ao Anti-Cristo (Vargas Llosa/ICA 1984) e é assim considerada como uma verdadeira criação de Satã, uma "invenção do Cão" (Vargas Llosa 1981:92). A primeira preocupação do povo de Canudos era a destruição do Anti-Cristo e das forças do mal: "O Anti-Cristo havia de ser derrotado" (Vargas Llosa 1981:77) o que, em efeito, significava a destruição da República.

Logo na epígrafe d'*A Guerra do Fim do Mundo* o leitor é confrontado com esse tema fundamental do romance. A epígrafe da obra não é outra senão uma das quadras populares que foram recolhidas por Euclides da Cunha (1966:232-3) em Canudos e que n'*A Guerra do Fim do Mundo* (mesmo na edição espanhola) é relacionada no original português arcaico:

*O Anti-Cristo nasceu  
Para o Brasil governar  
Mas abi está o Conselheiro  
Para delle nos livrar*

Ao passo que Euclides da Cunha encara o Conselheiro de forma completamente negativa, o narrador d'*A Guerra do Fim do Mundo* nô-lo apresenta sob uma luz totalmente positiva. O santo homem que nos é apresentado logo nas primeiras linhas do romance já é legendário para a gente do campo. Ele é descrito como um peregrino, um ascético, um beato, e o leitor se sensibiliza que os seus conselhos são ao mesmo tempo coerentes e práticos, conselhos esses que estão eminentemente condizentes com a gente simples do sertão, que podem aplicá-los para ajudá-los a obter a sua salvação: "a todos pareciam bons conselhos" (Vargas Llosa 1981:17). No último parágrafo do primeiro segmento do romance o narrador já emprega a palavra "santo" ao descrever o Conselheiro que, segundo os seus seguidores, também já havia feito milagres:

*Quando o homem partia, falava-se dele: que era santo, que havia feito milagres, que havia visto a sarça ardente e o deserto, igual a Moisés, e que uma voz lhe havia revelado o nome impronunciável de Deus. E os seus conselhos eram comentados (Vargas Llosa 1981:17).*

Em capítulos seguintes, o Conselheiro é identificado cada vez mais com o próprio Jesus, desde que os seus seguidores em Canudos começam a chamar-lhe de Bom Jesus Conselheiro (Vargas Llosa 1981:182; 191 etc.). Durante todo o romance fica claro quão importante é o Conselheiro para os seus adeptos, que o veneram. Quando Canudos se encontra sob a ameaça da Segunda Expedição, João Abade e outros jagunços decidem que a sua mais urgente tarefa é proteger o Conselheiro a todo o custo. Para eles ele é como um deus e, portanto, é normal que ele seja protegido pela "Guarda Católica". Além disso, a saudação vigente entre os habitantes de Canudos dá a entender que o seu líder era de fato identificado com o Próprio Filho de Deus: "Louvado seja o Bom Jesus Conselheiro" (Vargas Llosa 1981:182).



Durante toda a narrativa o narrador transmite para o leitor uma imagem do Conselheiro da maneira como ele é percebido pelos seus seguidores. Assim, o Conselheiro nunca é apresentado diretamente ao leitor, mas somente através dos olhos dos seus adeptos: "parecia quase não se dar conta do rastro humano que o seguia" (Vargas Llosa 1981:27). Como os seguidores, o leitor também busca informações sobre a personagem do Conselheiro na lenda e no boato: "A lenda dizia que ..." (Vargas Llosa 1981:120; Williams 1986:140).

Numa conferência sobre a perspectiva focalizada e a sua influência na compreensão que o leitor a partir tem da personagem central, Mario Vargas Llosa declarou:

*Eu decidi que algumas pessoas e alguns acontecimentos no romance deveriam ser apresentados ao leitor a partir de uma grande distância e que era importante, por exemplo, que o Conselheiro fosse percebido pelo leitor da mesma maneira como ele fora percebido pelos seus seguidores, não como uma figura humana, de carne e osso, mas como uma figura mítica, uma espécie de presença divina. Por essa razão era importante que o Conselheiro ficasse sempre longe do leitor. O narrador nunca se aproxima do Conselheiro; ele sempre o vê sob a perspectiva dos seus seguidores, descrevendo-o assim como ele é percebido pela gente que acredita ser ele uma espécie de encarnação divina (Vargas Llosa 1991:138).*

No romance, o Beatinho obedece às funções de um sacristão permanente (Vargas llosa 1981:110). Canudos, ou Belo Monte, era a nova Jerusalém (Vargas Llosa 1981:111). E as ruas de Canudos pavimentavam o caminho para o novo Gólgata:

*Pormenorizou então, diante dos eleitos silenciosos e maravilhados, por quais ruelas de Canudos passava o caminho do Calvário, onde havia caído Cristo pela primeira vez (Vargas Llosa 1981:111).*

Entretanto, o narrador d'A Guerra do Fim do Mundo não ignora o lado cruel e fanático dos seguidores do Conselheiro. Ao descobrir que algumas mulheres de Canudos haviam servido os soldados da Segunda Expedição, Beatinho as expulsa do arraial "dizendo-lhes que não podiam permanecer em Belo Monte aqueles que haviam servido deliberadamente o Anti-Cristo" (Vargas Llosa 1981:115). Mas para os elementos mais radicais entre os habitantes de Canudos isso não era castigo suficiente: eles pegaram uma das mulheres, que estava grávida, arrancaram-lhe o feto do ventre e substituíram-no com um frango vivo, "convencidos de que assim prestavam um serviço ao seu chefe no outro mundo", como diz o narrador com um traço de ironia (Vargas Llosa 1981:115).

Os últimos momentos do Conselheiro apresentados no romance, refletem toda a extensão da devoção, mas também do fanatismo, dos seus seguidores. Quando o Conselheiro encontra-se deitado inerte, acometido que fora de uma disenteria, o Beatinho crê que aquele fio de água que emitia o corpo do santo homem não podia ser excremento, mas alguma forma de "dádiva" divina. Adivinhando o seu significado secreto, ele toma um pouco do líquido nas suas mãos e indaga:

*"É assim que queres que comungue o teu servo, Padre? Não é isto para mim orvalbo?" Todas as beatas do Côro Sagrado comungaram também, como ele (Vargas Llosa 1981:479).*

Este trecho reflete até que ponto o Beatinho tenta ignorar os sinais de deterioração física no Conselheiro, continuando a identificá-lo com Jesus, tomando o seu excremento como se fôsse a hóstia. O episódio é profundamente escatológico, podendo ser interpretado como uma paródia da Última Ceia, onde foi instituído o sacramento da eucaristia.

Não obstante o elemento paródico que se encontra claramente presente no



excerto acima, assim como em outras passagens do romance, fica claro que, em relação ao hipotexto (o texto de fonte que, neste caso, é *Os Sertões*), *A Guerra do Fim do Mundo* representa uma transvalorização da obra euclidiana. Isto quer dizer, como explica Genette (1982:393), que uma história, embora baseada num texto anterior, é submetida a uma mudança importante. O que toma lugar é uma revisão axiológica que por sua vez age sobre um sistema de valores de uma ação ou um grupo de ações. N'Os Sertões, o episódio da doença do Conselheiro é relatado como algo cômico, desde que os soldados se puseram a rir quando ouviram dos jagunços que o Conselheiro havia sofrido de uma "caminheira" (Cunha 1966:483). Ao contrário, n'*A Guerra do Fim do Mundo* a causa da morte do Conselheiro é elevada às esferas do misterioso e do sagrado.

### Conclusão

No romance *A Guerra do Fim do Mundo* de Mario Vargas Llosa o Conselheiro é a personagem principal, que permeia todos os aspectos da ação. As motivações e funções de todas as outras personagens do livro são influenciadas pela figura (presente ou ausente) do Conselheiro. Ninguém pode permanecer neutro e todos (seguidores ou inimigos) vêem-se transformados, de uma ou outra maneira, pelo Conselheiro.

Na sua caracterização do Conselheiro, Vargas Llosa emprega a técnica da valorização. Segundo Gérard Genette (1982:400), a valorização consiste em outorgar ao herói ou heroína uma proeminência que não tinha no hipotexto. A valorização aumenta o mérito e o valor simbólico da personagem. Em alguns casos, valorização significa reabilitação. Esse é o caso da personagem do Conselheiro, que foi reabilitada pela imaginação n'*A Guerra do Fim do Mundo*.

Com a sua reabilitação no romance, a ele é dada a condição de um santo; as

suas palavras tornam-se coerentes e significativas, principalmente no contexto da sua época e do seu ambiente. Enquanto Euclides da Cunha defama Antônio Conselheiro n'*Os Sertões*, Mario Vargas Llosa o vindica através da ficção.

### Nota

1 Todas as referências bibliográficas, bem como as citações, foram extraídas da edição espanhola, *La guerra del fin del mundo* (Vargas Llosa 1981). As traduções do castelhano para o português são minhas, assim como as traduções de outros textos cujo original está em inglês ou francês.

### Bibliografia

- Clarke, Adam (ed.). 1973. Clarke's Bible Concordance Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications.
- Cunha, Euclides da. 1966. Os Sertões in *Obra Completa* vol II ed. por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora.
- Dantas, Paulo. 1987. *Capitão Jagunço* 7ª edição. São Paulo: IBRASA, Instituição Brasileira de Difusão Cultural.
- Gautier, Marie-Lise Gazarian. 1989. *Interviews with Latin American Writers*. Elmwood Park: Dalkey Archive Press.
- Genette, Gérard. 1982. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, "Poétique".
- Gerdes, Dick. 1985. Mario Vargas Llosa. Boston: Twayne Publishers.



- Gicovate, Moisés. 1982. "De Euclides da Cunha a Mario Vargas Llosa" Minas Gerais Suplemento Literário vol. XV, No. 808, March 27.
- Miller, M.S. & Lane, J. 1965. Black's Bible Dictionary London: Adam and Charles Black.
- Moniz, Edmundo. 1984. Canudos: A Luta pela Terra. São Paulo: Global Editora. 3ª edição.
- Nogueira, Ataliba. 1978. Antônio Conselheiro, Revisão Histórica, A Obra Manuscrita de Antônio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha São Paulo: Companhia Editôra Nacional.
- Oviedo, J.M./Vargas Llosa, M. 1980. "Historia de la historia de la historia: conversación en Lima" Escandalar vol. 3, No. 1, pp. 82-87.
- Pinto, Magdalena García. 1986. "Anatomía de la revolución en La Guerra del fin del mundo e Historia de Mayta" in Balderston, Daniel (ed.). The Historical Novel in Latin America. Gaithersburg: Ediciones Hispamérica, pp. 159-172.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de. 1977. O Messianismo no Brasil e no Mundo São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2ª edição.
- Rimmon-Kenan, Shlomith. 1983. Narrative Fiction: Contemporary Poetics. London and New York: Methuen.
- Vargas Llosa, Mario. 1981. La guerra del fin del mundo Barcelona: Plaza y Janés. 4ª edição.

- Vargas Llosa, Mario / ICA Video. 1984. Writers in Conversation, "Mario Vargas Llosa with John King". Northbrook, IL: The Roland Collection, Institute of Contemporary Art.
  
- Vargas Llosa, Mario. 1987. "Latin American Fiction and Reality" Times Literary Supplement January 30, pp. 110-111.
  
- Williams, Raymond Leslie. 1986. Mario Vargas Llosa New York: Ungar.
  
- Zamora, Lois Parkinson. 1989. Writing the Apocalypse. Historical Vision in Contemporary U.S. and Latin American Fiction. Cambridge: Cambridge University Press.